

A prática pedagógica contextualizada no semiárido brasileiro: um olhar sobre o currículo

Contextualized pedagogical practice in the Brazilian semi-arid region: a look at
the curriculum

Angelica Alves Marcelino da Silva
Félix Augusto do Carmo Silva
Edmerson dos Santos Reis

Resumo: O objetivo deste ensaio teórico é promover algumas reflexões sobre o currículo na perspectiva da educação contextualizada no Semiárido Brasileiro. A pesquisa visa trazer várias contribuições de teóricos que ao longo dos anos se dedicaram através de pesquisas sobre o currículo e sobre a educação contextualizada no Semiárido. A proposta traz um olhar reflexivo sobre como o currículo é estruturado para atender na maioria das vezes os interesses capitalistas na ótica do pensamento hegemônico, eurocêntrico e dominador que não leva em consideração as particularidades que cada lugar tem como a cultura, as pessoas, a economia, o ecossistema, a história e muitos outros fatores que contribuem para tornar cada lugar uma fonte de conhecimento. O Semiárido Brasileiro carrega em si várias características que o torna uma região singular com características próprias que devem ser levadas em consideração dentro das políticas educacionais brasileiras, uma vez que, os sujeitos que fazem parte dessa região carregam seus saberes, suas culturas e suas experiências de vida como marcas para a posteridade.

Palavras-chaves: Currículo; Educação Contextualizada; Semiárido Brasileiro.

Abstract: The objective of this theoretical essay is to promote some reflections about the curriculum in the perspective of contextualized education in the Brazilian Semi-arid. The research aims to bring several contributions of theorists who over the years have dedicated themselves through research on the curriculum and on contextualized education in the semi-arid region. The proposal brings a reflective look at how the curriculum is structured to meet most of the time the capitalist interests in the view of the hegemonic, Eurocentric and dominator thought that does not take into consideration the particularities that each place has such as culture, people, economy, ecosystem, history and many other factors that contribute to make each place a source of knowledge. The Brazilian Semi-arid carries in itself several characteristics that make it a unique region with its own features that must be taken into consideration within the Brazilian educational policies, since the subjects that are part of this region carry their knowledge, their cultures, and their life experiences as marks for posterity.

Keywords: Curriculum; Contextualized Education; Brazilian Semi-arid.

Introdução

Pensar um currículo pautado na educação contextualizada na ótica da convivência com o Semiárido Brasileiro é antes de tudo refletir nas possibilidades de inserção e valorização da pessoa humana, enquanto sujeito ativo dos processos educacionais. No dicionário Aurélio Digital a palavra



“conviver” tem origem do latim “*convivere*” e significa “viver em comum com outrem em intimidade, em familiaridade”, “ter convivência”, ou seja, não existe possibilidade de se pensar uma educação pautada na convivência com o Semiárido Brasileiro sem buscar o sentido na própria etimologia da palavra conviver, fora disso, a educação não passa de uma mera formalidade de execução das políticas educacionais deliberadas pelo Estado.

No entrelaçamento dos termos: convivência com o Semiárido e educação é que surge o sentido para uma prática pedagógica voltada para os valores sociais, culturais, econômicos, ambientais e pessoais do ser humano.

Neste sentido, a educação escolar passa a fazer parte de um contexto real e significativo nas práticas cotidianas do ambiente escolar. De acordo com Santana (2020, p. 41): “A educação contextualizada colocada em prática no contexto do Semiárido, direciona aspectos importantes que contribuem para a aprendizagem, numa relação proximal entre o conteúdo estudado e a realidade vivenciada e sentida [...]”. É dessa maneira que a educação escolar vai ganhando formas de uma educação que não aprisiona o sujeito nos conceitos e nas metodologias prontas, mas abre a oportunidade para esse sujeito refletir sobre si e sobre o mundo em que vive.

Assim, Braga (2004, p. 40) afirma que: “[...] o processo educativo contextualizado implica uma metodologia de intervenção social que supõe um modo de conceber, aprender ressignificar a realidade para nela atuar, visando a transformá-la”, ou seja, se não houver uma intervenção social no sentido de dar novo sentido a realidade dos sujeitos para uma transformação de mundo, a educação para a convivência com o Semiárido estará longe de acontecer, pois segundo Silva; Menezes; Reis (2012) “A Educação contextualizada faz um movimento ascendente. Nela todas as pessoas são consideradas igualmente importantes, porque são únicas”.

É essa singularidade que cada ser humano possui que vai exigindo um novo pensar de todos os sujeitos envolvidos com o campo educacional, independente do lugar que a escola esteja estruturada e do nível de ensino que os profissionais atuem, o importante é saber que é necessário se pensar numa



proposta que traga o verdadeiro sentido de uma educação para convivência com Semiárido Brasileiro.

O ensaio aqui proposto visa trazer a discussão sobre as práticas pedagógicas relacionadas ao currículo na perspectiva da educação contextualizada no Semiárido Brasileiro através do embasamento teórico de vários autores que discutem o currículo, a educação contextualizada e o Semiárido Brasileiro.

A pesquisa fundamenta-se nos estudos de Silva, Menezes e Reis (2012), Martins (2006) entre outros, em que norteiam o entendimento que a Educação contextualizada correlaciona o conhecimento geral com o local, proporciona a convivência com o Semiárido, valorização e a permanência no campo desenvolvendo possibilidades, individuais e da comunidade.

A prática pedagógica e a educação contextualizada no semiárido

A prática pedagógica contextualizada é necessária no ambiente escolar porque sua relevância se dá no limite que entendemos essa educação como componente essencial no processo educativo que se fundamenta na formação humana em que o ato de ensinar não seja simplesmente de escolarização e de transmissão de conteúdos, mas que seja compreendido como uma práxis social (FREIRE, 2004).

Nesse sentido, refletimos numa prática pedagógica que se desenvolva por meio de interesses da comunidade que dela participe. Esta prática necessária ocorre na escola por meio da associação de ensino e da vivência escolar como um todo, visto que, a escola precisa ser ideal e significativa pelo aluno(a) e por professores(as) como processo de construção do entendimento em que todos estão envolvidos. A escola como instituição educacional é formada por vários aspectos: afetiva, econômico, cultural e, outras (PATTO, 1996).

Expondo a relação ensino aprendizagem Martins (2006) mostra o problema da descontextualização a ser superada pela escola, garantindo que tal assunto consiste em que a escola necessita se adaptar às suas reais necessidades, havendo envolvimento com todos os sujeitos implicados,



problemática essa se manifesta na evasão escolar e na repetência. O autor comunica que a escola e a formação promovida neste ambiente estão engessadas em um modelo obsoleto, excludente e descontextualizado das realidades, o que contribui para provocar dificuldades na aprendizagem nos alunos(as), impossibilitando seu desenvolvimento pessoal e profissional.

O processo de estagnação das práticas escolares é entendido pelos autores Martins (2006) e Souza (2005) assim como uma educação colonizadora que tem como princípio homogeneizar a diversidade. Nessa perspectiva, as particularidades culturais que diferenciam os sujeitos são ignoradas, implicando apenas manter o *status quo* (idem) evidência “[...] que os conteúdos escolares por desconsiderarem as experiências e a pluralidade cultural dos sujeitos são obsoletos e sem significados para alunos (as)” (SOUZA, 2005, p. 78). Ambos os estudiosos julgam que a estagnação da educação com o decorrer dos anos sofreu poucas modificações que consigam ser vistas relevantes com relação à construção do conhecimento e a forma como se realiza.

Diante disso, trabalhar na perspectiva contextualizada faz-se primordial na ótica de produção de sentidos em que o entendimento passa a ser construído através de valores, tempos, lugares e diferentes situações dos grupos sociais. Segundo Martins (2006),

[...] contextos não se fixam apenas ao local, a um território determinado. Ele se estende até um sistema de valores, que extrapolam qualquer fronteira geofísica descuidadamente traçada, uma vez que tecem redes de conteúdos que fundem o passado e o futuro; o local e o global, o pessoal e coletivo; as objetividades e as subjetividades fugazes. Mas tal tessitura e tais cruzamentos se dão numa determinada situação, movidas por condições reais e a certos constrangimentos em um dado tempo e chão; não estão soltos no ar – senão não haveria sentido falar em contexto. (MARTINS, 2006, p.45).

Nesse caminho, esclarece Lima (2006, p.39) que “[...] contextualizar torna-se um processo importante para aproximar o processo de ensino e a aprendizagem à realidade vivenciada pelo(a) aluno (a)”. É imprescindível entender que a vivência escolar extrapola os muros da escola, pois o aluno (a) tem história e relação com o mundo no qual tem vivência com diversas



situações, levados também para a escola, resultando-se um ir e vir de experiências produzidas e significadas pelo sujeito.

Nesse sentido, a escola precisa associar as experiências dos alunos(as), de tal forma que estes possam estabelecer relações significando o vivido. Uma das ações da proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2018) é:

Contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas. (BRASIL, 2018, p. 16)

Assim, a escola precisa abarcar questões sociais e problemas do cotidiano dos educandos(as) a fim de que os objetivos da educação e ensino sejam alcançados. É na contextualização da aprendizagem que os alunos(as) e professores(as) podem considerar sobre o porquê e para quê ensinar. Tais assuntos contribuem o processo educacional orientado na proporção da formação humana que abarcando as necessidades dos alunos(as) na vivência com a sua realidade.

Refletindo no contexto do Semiárido e na educação traçada para a sobrevivência apreciamos aprender a conviver, entender e respeitar suas singularidades para não exterminar; assim, deve fazer parte de todo processo de desenvolvimento de ações que sejam voltadas para uma educação contextualizada.

A educação contextualizada no Semiárido tem como princípio um propósito de um outro ensino em que tenha como sugestão uma política educacional, organizada para o ensino da convivência com o Semiárido, isto é, no qual a população possa ter uma vida digna com reais condições de lidar com o seu ambiente natural e, ao mesmo tempo, transformar a sua vida presente e futura.

Nessa perspectiva que Saviani (1985, p.55) considera e retrata a educação como “uma atividade mediadora no seio da prática social” dando continuidade a esse pensamento Reis (2011, p.109) diz:

Isso permite refletir que, a Educação Contextualizada nas escolas do campo não pode ser entendida como o espaço do aprisionamento do conhecimento e do saber, ou ainda na



perspectiva de uma educação localista, mas como aquela que se constrói no entrecruzamento cultura-escola-sociedade-mundo.

A educação é importante para transformação sociocultural, visto que todo progresso parte do princípio de que a sociedade só será crítica se possuir uma consciência real da situação do mundo globalizado. Assim nessa perspectiva Martins (2006) propõe que o objetivo que se coloca é que a escola seja capaz de lidar com outros saberes, principalmente que ela possa dar sua contribuição para a melhoria das condições da vida do sertanejo, o que não se trata de reduzir a ação pedagógica ao localismo, mas sim revelar a ineficiência de um modelo universalista cunhado pelo racionalismo e o cientificismo, entrando pela crise de paradigmas, empregando as abordagens interdisciplinares e transdisciplinares.

No documento da 1ª Conferência da RESAB (Rede de Educação do Semiárido Brasileiro), que é uma rede de educadores do Semiárido sobre a educação contextualizada, traz que a educação deve ser planejada de forma a estar incluída em todos os seguimentos e ações dentro do currículo educacional no âmbito regional, destacando as formas de vida e suas probabilidades. Esse documento relata as lutas pela convivência, das experiências de educação, voltadas para as problemáticas aqui existentes.

Segundo Malvezzi:

A nossa luta por uma educação contextualizada para a convivência com o Semiárido decorre de longos processos em que se inscrevem diversas experiências de educação, governamentais e não-governamentais, formais e não-formais situadas no Semiárido Brasileiro, que vêm fazendo inflexões curriculares e metodológicas e colocando importantes questões para fazer educação de semiárido vincular-se às formas de vida e às problemáticas aqui existentes. (MALVEZZI, 2007, p.132).

Compreendemos que tem uma necessidade fundamental em relação às questões que abrangem o Semiárido como também da relevância de estender as possibilidades de ações como também permear uma prática pedagógica direcionada para o Semiárido.

A educação contextualizada, estudada de forma constante para a convivência com o Semiárido nos variados espaços sociais colabora para

transformar a comunidade e mencionar as necessidades de uma visão sociopolítica, teórico-pedagógica e institucional. A contextualização leva à reposta dos problemas do dia a dia e dispõe os objetivos do ensino próximos da sala de aula.

Neste sentido, uma educação no Semiárido sem contexto não tem relevância para os processos educacionais, principalmente para os sujeitos que dela fazem parte como seres que transformam o ambiente em que vivem.

O currículo e sua tessitura para construção de uma educação contextualizada

Ao longo dos tempos o currículo escolar surgiu como uma representação da cultura escolar permeado por relações de poder e posições ideológicas, segundo Moreira e Silva (1997, p. 23) o currículo “é a veiculação de ideias que transmitem uma visão de mundo social vinculada aos interesses dos grupos situados em uma posição de vantagem na organização social”.

Dessa maneira, pensar um currículo na visão de uma educação contextualizada é acima de tudo externar uma ação contra-hegemônica que se contraponha ao modelo de currículo estático, mecânico, ideológico e construído como verdades absolutas. Nesse sentido, Silva (2002) afirma que:

A escola atua ideologicamente através do seu currículo, seja de forma mais direta através das matérias suscetíveis ao transporte de crianças explícitas sobre a desejabilidade das estruturas sociais existentes, como Estudos Sociais, História, Geografia, por exemplo; seja de uma forma indireta através das disciplinas “técnicas” como Ciências e Matemática. Além disso, a ideologia atua de forma discriminatória: ela inclina as pessoas de classe subordinada à submissão e a obediência, enquanto as pessoas das classes dominantes aprendem a controlar e a comandar e a controlar. (SILVA, 2002, p.31-32).

Desse modo, a escola como instituição social contribui para o fortalecimento da hegemonia eurocêntrica sobre outras culturas consideradas ao longo da história como culturas inferiores. E se não houver ações para quebrar esses paradigmas, o currículo continuará sendo uma forma de desconsiderar a história e desvalorizar povos, culturas e lugares. Apple (2008, p. 101) afirma que “[...] uma das maneiras pelas quais as escolas são usadas



para propósitos hegemônicos está no ensino de valores culturais e econômicos [...]”. É preciso romper as barreiras do conformismo, e não aceitar o que já vem pronto e determinado para ser aplicado não levando em consideração os valores culturais, sociais e econômicos dos sujeitos inseridos no processo educacional.

Dessa maneira, Morin (2000, p. 128) afirma “[...] é preciso reconhecer que, potencialmente todo sujeito é não apenas ator, mas autor, capaz de cognição/escolha/decisão”.

Quando a educação contextualizada não é levada em consideração na construção do currículo todo processo educacional perde o sentido, pois em qualquer lugar do mundo existe um contexto que traz uma história, uma cultura, um ecossistema e pessoas com suas experiências de vidas, e o currículo contextualizado deve abranger todas essas especificidades, para que de fato a educação contextualizada se configure como propósito de uma educação baseada no senso de humanidade.

É preciso ter coragem e vontade de mudar, Mendes (2006, p. 25) afirma que: “A nossa pedagogia deve ter a coragem de ser a arte do re-começo. Pedagogia da dúvida em relação ao construído, da esperança em relação ao que se está construindo”, ou seja, é preciso ter uma práxis voltada para um novo fazer pedagógico, e que não aceite as imposições hegemônicas, eurocêntricas e coloniais dentro da construção do currículo que ao longo dos anos vem determinando o que é verdade e o que não é, o que tem importância e o que não tem dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Dessa maneira, pensar um currículo no viés da contextualização no Semiárido Brasileiro é antes de tudo desafiar as políticas educacionais determinadas pelo Estado que sempre que visa atender os interesses do capital internacional. Um dos principais desafios a enfrentar quando se trata de um currículo contextualizado é com a formatação dos conteúdos nos livros didáticos. Segundo Silva; Menezes; Reis (2012) os livros didáticos carregam estereótipos que marcaram e ainda marcam a região do Semiárido Brasileiro onde a região é considerada pobre e seca e os sujeitos que habitam a região não tem conhecimento do mundo em que vivem.



A construção do currículo de maneira geral é pensada como se o Semiárido Brasileiro não tivesse um povo que habita uma região com suas riquezas naturais, sua cultura, sua economia, sua história e muitos outros fatores que fazem da região um lugar único com características não encontradas em nenhum outro lugar do mundo.

São essas particularidades que deveriam ser levadas em consideração dentro do processo de ensino-aprendizagem, e a escola como instituição social tem o papel de ressignificar a prática pedagógica para o surgimento de sujeitos críticos da realidade em que vivem. Mas na maioria das vezes a escola se distancia dessa realidade, Silva; Menezes; Reis (2012) afirmam que:

No Semiárido Brasileiro, como já anunciado, as escolas têm se mantido isoladas sem diálogo com os espaços de produção das chamadas tecnologias sociais como, por exemplo, o manejo da água (a captação e armazenamento) bem como com as inúmeras iniciativas na identificação da riqueza do bioma Caatinga como fonte de produção da vida nesse lugar. Esses saberes ficam ausentes nos currículos apesar da pertinência e do significado que representam da vida dos sujeitos. (SILVA; MENEZES; REIS, 2012).

É justamente essa falta de aproximação com a realidade que faz com que a escola execute as práticas do pensamento colonial no qual os saberes globais sobrepõem os saberes locais disseminando assim, o currículo descontextualizado, eurocêntrico, colonial que não considera os sujeitos como transformadores do meio em que vivem nem as particularidades do Semiárido como ecossistema singular da biosfera.

Considerações finais

Como foi explicitado na discussão desse estudo, debruçamos sobre a importância da estruturação do currículo na perspectiva da educação contextualizada no Semiárido Brasileiro para que de fato o conhecimento se configure como uma ação emancipadora dos sujeitos que fazem parte da educação escolar.

Tendo como base as leituras realizadas sobre o currículo, a educação contextualizada e o Semiárido, propusemos trazer para a discussão várias



reflexões a respeito do tema. Como resultado, o estudo focou a contribuição teórica de vários pesquisadores que desenvolveram suas pesquisas com o objetivo de trazer reflexões sobre a construção do currículo.

Neste sentido, uma educação contextualizada no Semiárido que vise trazer uma formação significativa sempre terá como foco principal um currículo que respeita as singularidades e o potencial histórico, cultural e humano que cada lugar.

Por isso, este estudo trouxe a importância de se pensar um currículo que ressignifique as práticas pedagógicas no Semiárido Brasileiro de forma holística e humanizada na perspectiva de quebrar os paradigmas estabelecidos ao longo dos tempos de forma hegemônica, eurocêntrica e dominadora no qual o conhecimento universal sobrepõe e desconsidera os conhecimentos locais que são considerados conhecimentos inferiores.

Portanto, é preciso olhar para o currículo, principalmente na perspectiva da educação contextualizada como uma forma de libertação das amarras do cativo dominador das políticas educacionais dominantes e opressoras.

Portanto, é preciso ainda compartilhar e atuar com ações contra-hegemônicas que não aceitem o currículo pronto e universal, e possibilite meios para uma prática pedagógica que busque valorizar a cultura, a história, a economia, as pessoas e o ecossistema que cada lugar tem e que precisam ser levados em consideração dentro dos processos que desencadeiam a educação escolar.

Agradecemos o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) por financiar um dos autores a pesquisa.

Referências

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRAGA, Osmar Rufino. Educação e convivência com o Semi-árido: uma introdução aos fundamentos do trabalho político-educativo no Semi-árido Brasileiro. In: KÜSTER, Ângela; MATOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello (Orgs). **Educação no contexto do Semi-árido Brasileiro**. Fortaleza: Konrad Adenauer Stiftung, 2004.



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 18 de jun. 2022.

CONVIVER. In: **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Digital**. Curitiba: Positivo Soluções Didáticas LTDA, 5ª edição, 2010.

MENDES, Durmeval Trigueiro. **Ensaio sobre educação e universidade**. Organizadores: Maria de Lourdes de A. Fávero, Jader de Medeiros Britto. Brasília: Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

LIMA, E.S. Educação contextualizada no semiárido: reconstruindo saberes, tecendo sonhos. In: RESAB. **Educação e convivência no campo: analisando saídas e propondo direções**. Juazeiro, Selo editorial RESAB, 2006.p. 35-48.

MALVEZZI, Roberto. **Semiárido-uma visão holística**. 1ª Ed.-Brasília: Confea, 2007

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o semi-árido. In: RESAB. **Educação para a convivência com o semiárido: reflexões teórico-práticas**. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2006. P. 37-66.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PATTO, Maria Helena S. **A produção do fracasso escolar**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996

REIS, Edmerson dos Santos. **Educação do Campo: escola, currículo e contexto**. Juazeiro-Bahia: ADAC/UNEB-DCHIII/NEPEC-SAB, 2011.

RESAB. **Educação para a Convivência com o Semiárido: Reflexões teórico-práticas**. 2ª Ed. Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro, Selo Editorial-RESAB, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 8a. ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985

SANTANA, Tarcila de Oliveira. A neurociência e a inclusão de novos saberes docentes para a prática da educação contextualizada. In: REIS, Edmerson dos Santos. (Orgs.). **Anais do IX Workshop Nacional em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro: Semiáridos, pós-verdade e resistência: lugares e convívios da educação contextualizada**. Juazeiro, BA: Universidade do Estado da Bahia. PPGESA, 2020.

SILVA, Adelaide Pereira; MENEZES, Ana Célia Silva; REIS, Edmerson dos Santos. Educação para a convivência com o Semiárido: desafios e possibilidades de um novo fazer. In: ROCHA, Maria Izabel Antunes (Org.). **Territórios educativos na educação do campo: escola, comunidade e movimentos sociais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, I.P.F. de. **A gestão do currículo escolar para o desenvolvimento humano sustentável do semiárido brasileiro**. São Paulo: Peirópolis, 2005.

Sobre os autores

Angélica Alves Marcelino da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-3054-8814>

marcelinoangelica3@gmail.com

Mestranda Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos- PPGESA-UNEB. Especialista em Neuroeducação na Primeira Infância - Universidade de Pernambuco-UPE. Pedagogia - Universidade de Pernambuco-UPE. Licenciatura Letras-Inglês - Faculdade de Olinda (FOCCA). Participei do Programa Residência Pedagógica - Universidade de Pernambuco - UPE / lotada na Escola Municipal Professor José Joaquim. Participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)- Universidade de Pernambuco / lotada na Escola Municipal 21 de Setembro

Félix Augusto do Carmo Silva

<https://orcid.org/0000-0003-1841-8918>

facsilva@uneb.br

Mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA/UNEB, É membro do Grupo de Pesquisa: GEEMAT - Grupo de Estudos em Educação, Matemática e Tecnologias, Especialização (lato sensu) em Educação Ambiental Interdisciplinar pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Especialização (lato sensu) em Metodologia do Ensino de Matemática e Física pelo Centro Universitário (UNINTER), Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atualmente trabalho como Técnico Universitário da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/DEDC/Campus VII.

Edmerson dos Santos Reis

<https://orcid.org/0000-0003-3153-6759>

esreis@uneb.br

Pedagogo com Habilitação em Educação de Adultos pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Juazeiro (1995), Mestrado em Educação - Université du Québec a Chicoutimi (2003) e Doutorado em Educação pela



Universidade Federal da Bahia (2009). Atualmente é Professor Titular do Departamento de Ciências Humanas - DCH-III/Universidade do Estado da Bahia,- UNEB; Membro do Fórum Nacional de Educação - FONEC, Membro da Rede de Educação da Semiárido Brasileiro - RESAB; Professor Permanente do Programa de Pós-graduação - Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiárido da UNEB/DCH-III, em Juazeiro - BA. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Política Educacional, atuando nos seguintes temas: Educação Contextualizada, Educação do Campo, Convivência com o Semiárido, Currículo e Formação de Professores, áreas temáticas sobre as quais possui vários livros e artigos publicados de sua autoria e em coautoria. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Contextualizada, Cultura e Território - EDUCERE; Coordenador do Projeto de Pesquisa e Extensão Reflexão dos Referenciais da Educação Contextualizada. Membro do Observatório dos Indicadores da Gestão Educacional no Território do Sertão do São Francisco, no norte da Bahia.

